

O ano do fim das ilusões

"Em 2004 os desafios do governo serão ainda mais formidáveis que em 2003. O crescimento vai depender do investimento privado e caberá ao governo praticar políticas pró iniciativa privada"

O ano de 2003 foi de enlouquecer os que vivem de fazer previsões. Há paradoxos, surpresas e desafios de interpretação por toda a sua superfície. Foi horrível em matéria de crescimento, talvez mesmo negativo, mas termina com um aroma de otimismo meio inexplicável, talvez cansaço, ou torcida, não tanto por indicadores objetivos. E o que vale mesmo é a sensação, não a estatística.

A balança comercial foi o espetáculo, e graças à impressionante, e não menos preocupante desvalorização cambial ocorrida a partir de meados do ano passado. Sim, é bom ter superávit comercial quando a conta de capitais parece um deserto, mas não esquecer que, em dosagens maiores que a ideal, a desvalorização é recessiva, comprime os salários, piora a distribuição de renda, e enfraquece os incentivos empresariais para a busca de maior produtividade, pois seus efeitos são em tudo idênticos aos de uma tarifa protecionista.

A explosão do câmbio não foi obra do acaso, tampouco do Banco Central: teve que ver com uma espécie de "bolha negativa" que se armava em meados de 2002 em razão das terríveis expectativas que existiam sobre o que seria a política econômica do PT. Esta "bolha" começou a inchar meses antes de abertas as urnas, e atingiu o seu ápice no colo de FHC, que nada podia fazer, pois todo o problema era com o medo de piruetas heterodoxas por parte do PT. Só mesmo o próprio PT para furar esta "bolha", o que acabou sendo feito de forma diligente e determinada a partir do acordo com o FMI em 2002, e ao longo de 2003 através da adoção surpreendentemente convicta do que os radicais do PSDB (para não falar dos petistas) chamavam de "Fernando-Malanismo". Quem poderia esperar que o ex-prefeito de Riberão Preto, médico de profissão, formasse uma equipe tão "ortodoxa" e estranha ao PT ?

O fato é que o ano de 2003 termina com o governo embriagado com o aplauso do mercado à manutenção de políticas de responsabilidade fiscal e disciplina monetária que, como bem sabemos, foram depredadas de forma impiedosa e oportunista pelos economistas do PT nos últimos anos. Quem se importa? O Presidente repete orgulhoso que a inflação foi dominada, o Risco-Brasil caiu de 24% para 5% e as linhas comerciais externas voltaram. É verdade, mas seria hipócrita dizer que essas vitórias têm a ver com ideias petistas, ou com "mudanças" introduzidas pelo novo governo diante da falência do anterior. Antes pelo contrário, os mercados foram pacificados porque o PT se despiu de seu passado, abandonou sua coerência e renegou tudo o que disse da política econômica do governo passado.

Foi um ano de ouro para o mercado financeiro, inclusive e principalmente porque ninguém esperava. O "C-Bond" quase dobrou de preço, beirando o seu valor de face, e a bolsa triplicou de valor em dólares. É verdade que as condições internacionais favoreceram esta volta à normalidade para os preços dos ativos brasileiros, mas papel fundamental coube à surpreendente continuidade de políticas macroeconômicas convencionais e ao também inesperado avanço das mesmas reformas que o PT combateu tenazmente nos últimos anos.

Em 2004 os desafios são ainda mais formidáveis. Se em 2003 o governo enfrentou a Senadora Heloisa Helena, em 2004 é a vez da Professora Maria da Conceição Tavares. Em 2004 o crescimento só virá se for cumprida uma extensa agenda que tem sido chamada de "microeconômica". Trocando em miúdos, como não há dinheiro para investimentos públicos, o crescimento vai depender do investimento privado, trata-se, portanto, de praticar políticas pró iniciativa privada no varejo, em todos os setores e esferas regulatórias. Se queremos formação de capital, temos de agradar ao capital, um desafio monumental para um partido de embocadura estatista, avessa ao mercado e à globalização. Será, como em 2003, mudar ou perder o trem, deixar-se atropelar pela decepção dos mercados, que pode ser tão devastadora quanto foi irresistível a aclamação em 2003.